

LÍRIOS, ROSAS E OUTRAS FLORES

Gabi Coêlho



Sesc Administração Regional no Estado de Alagoas		Lírios, rosas e outras flores
Presidente		
Adeildo Sotero da Silva		
Direção Regional Interina		
Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior		
Direção de Finanças		
Natália Bakker de Brito Ferro		
Direção de Administração Interina		
Natália Bakker de Brito Ferro		
Direção de Programas Sociais		
Meire Célia Lima da Silva		
Gerência de Cultura		
Guilherme de Miranda Ramos		
Analista em Artes Visuais		
Fabiana Guimarães Xavier		
Artista	Projeto Expográfico	
Gabi Coêlho	Daniel Cavalcante	
Exposição	Iluminação	
Lírios, Rosas e Outras Flores	Leandro Antonio Dias Ferreira	
Curadoria	Diagramação e Projeto Gráfico	
Ioana Mello	Victor Hugo	
ficha técnica		
sumário		
Lírios, rosas e outras flores		2
Texto curatorial		3
A flor e a náusea, Carlos Drummond de Andrade		4
É feia, mas é uma flor		5
Eu amo tudo o que foi, Fernando Pessoa		6
Eu amo tudo o que foi		7
A moeda de ferro, Jorge Luis Borges		8
Esquece		9
O lábio e a língua, Gabi Coêlho		10
O lábio e a língua		11
Cântico negro, José Régio		12
Facho da Loucura		13
O suicida, Jorge Luis Borges		14
Último poente		15
Fagulha, Ana Cristina César		16
Levíssimo		17
Electric blue, Gabi Coêlho		18
Electric blue		19
Queda, Mário de Sá-Carneiro		20
Queda		21
O espelho, Jorge Luis Borges		23
Lastimada de sombras		24

Lírios, rosas e outras flores

Gabi Coêlho [Maceió, 1987], fotógrafa e artista Visual com ênfase em fotoperformance e autorretrato. No último ano realizou suas primeiras mostras individuais simultaneamente em duas cidades: “Lírios, Rosas e outras flores”, na Galeria de Arte do Sesc Arapiraca e “Imensidão Íntima”, na Galeria do Complexo Deodoro em Maceió. Participou também de dezenas de exposições coletivas no Brasil em importantes instituições, como Studio OM.art (RJ/2022), IPHAN (AL/2019) e em outros países, como Argentina, Romênia e Reino Unido. Primeiro lugar no prêmio Art as response to mental health/Reino Unido (2022); Prêmio Vera Arruda/Lei Aldir Blanc/Alagoas (2020). Destacada pelos festivais Cali FotoFest e FIF Santa Marta (Colômbia/2023). Publicada no livro *Artistas Fotógrafas em Alagoas: territórios poéticos em expansão* (2023), *Revista Ampolleta Roja* (Chile/2022), *Transe Magazine* (México/2022), *Fotógrafas en el Mundo* (2022 e 2021). Incorporada ao acervo do Centro Cultural Banco do Nordeste. Ganhadora do edital de ocupação da Galeria do Complexo Deodoro (2023).

"Busco resgatar meu espectador da passividade através da inquietação e desconforto diante das possibilidades poéticas do corpo, criando representações estéticas que transponham o limite do belo pelo belo."

Lírios, rosas e outras flores

A exposição “Lírios, Rosas e outras flores”, da artista visual Gabi Coêlho, explora os temas da intimidade, identidade e fragilidade humana. Através de uma série de autorretratos, que a artista trabalha com tinta e texturas, ela performa o seu próprio corpo explorando os muitos limites possíveis da representação do feminino, não padronizado, e da própria mídia fotográfica. Suas pesquisas se iniciaram em 2018 e seguem uma história da arte onde atuaram artistas como Ana Mendieta e Helena Almeida, para citar apenas duas. Em suas explorações artísticas, Gabi transpõe propositalmente fronteiras, misturando mídias e construindo subjetividades alternativas. Suas imagens ultrapassam o que é considerado confortável quando imaginamos uma imagem do corpo feminino. Como diz um dos poemas que a inspirou, ela é caos e sonho: seu olhar é firme e seu grito é seco.

Ao se colocar diante da câmera, a artista é o sujeito e o objeto da obra. Sua história de vida reverbera em suas produções, mas não de maneira limitadora. Pelo contrário, se fotografar cria uma sensação de intimidade e vulnerabilidade que permite uma conexão profunda com o público. E ao encerrar seu corpo em fragmentos - de mãos, pés e olhares - e colocá-los em sequência, a artista, paradoxalmente, abre a imagem para uma

conexão mais universal. Todes podem se sentir representades: é o corpo humano em agonia e em êxtase. Ao olharmos para cada foto nosso desconforto e inquietação são palpáveis, obrigando-nos a questionar nossos próprios códigos e limiares, a nos abriremos à pluralidade.

Vale pontuar que a artista combina várias linguagens artísticas: a fotografia, a pintura, a literatura, o cinema e a performance. Ao usar esses recursos, Gabi mistura temporalidades e tensões. Suas imagens vívidas e tácteis quebram tabus, criam sensações, experiências e diálogos. Existe um limite? Em nossa contemporaneidade complexa, esse ensaio levanta questões essenciais do que nos permitimos, do que toleramos e até onde vamos, deixando-nos com uma compreensão mais profunda de nós mesmos e de nossa relação com o mundo.

*Ioana Mello
Curadora.*

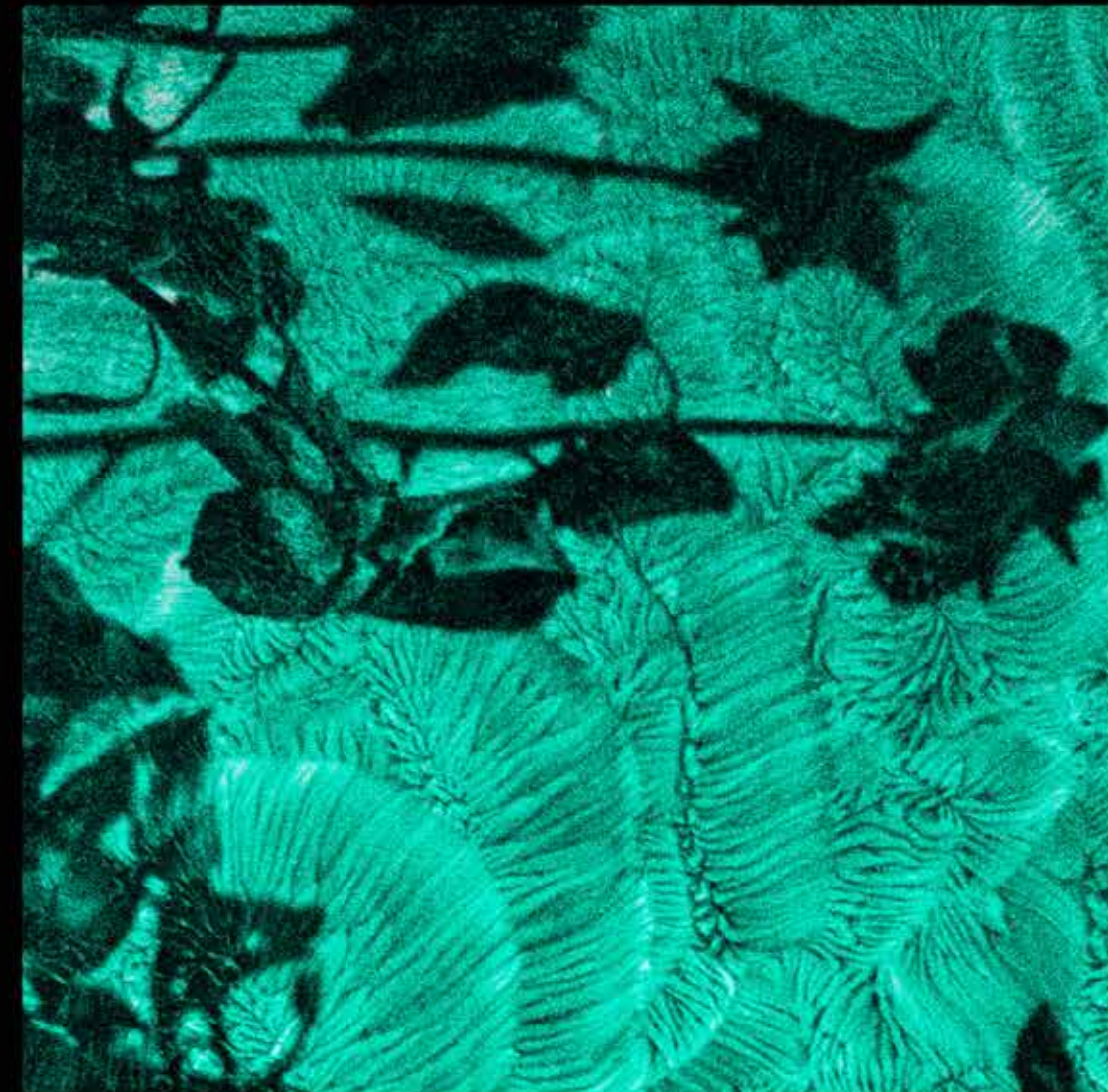
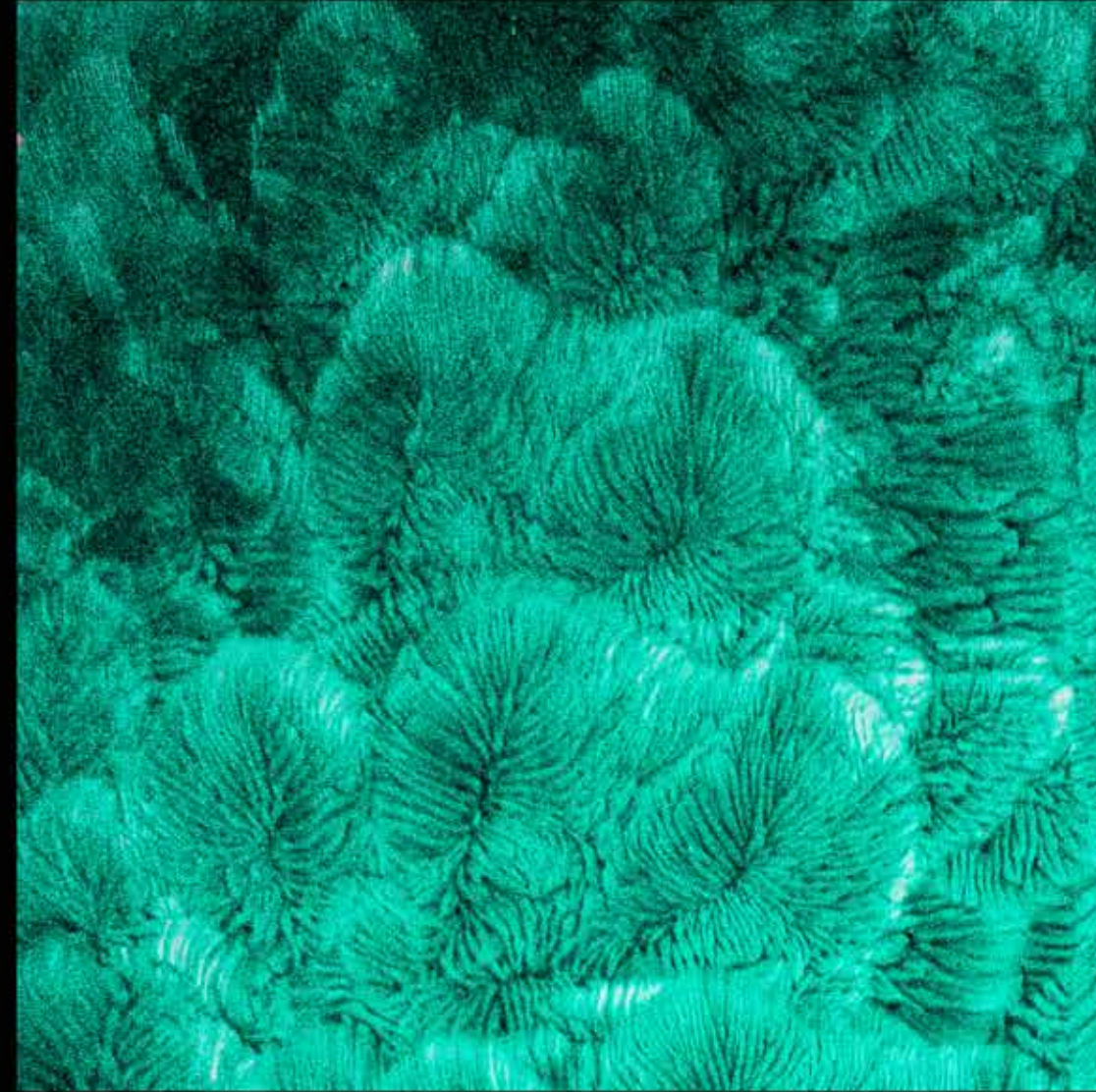
**“É feia. Mas é uma flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”**

A flor e a náusea, Carlos Drummond de Andrade



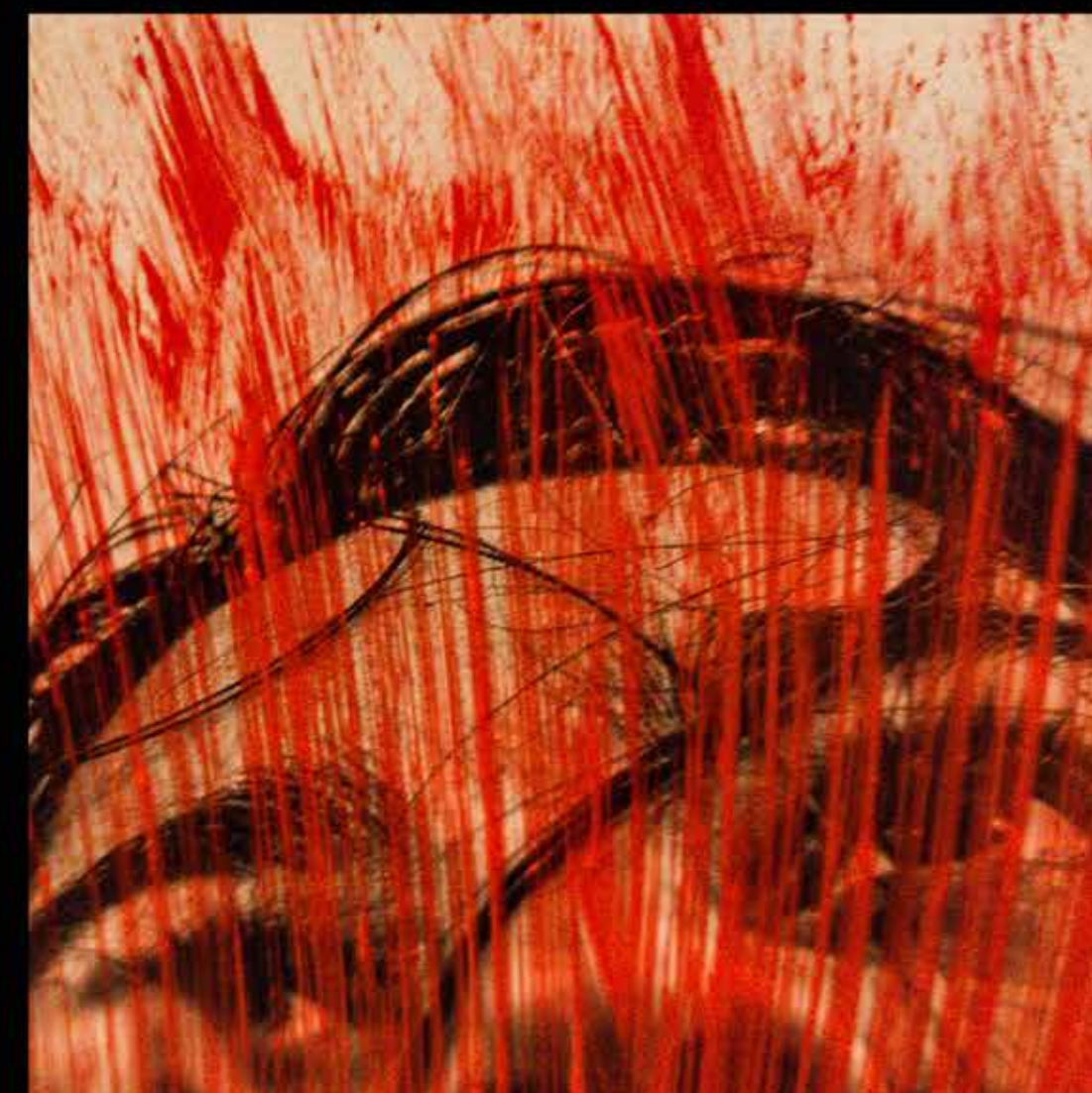
**“Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já me não dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia.”**

Eu amo tudo o que foi, Fernando Pessoa



“**Não exalta nem condena.
Faz algo mais: esquece.**”

A moeda de ferro, Jorge Luis Borges



**“Tudo o que sou, sempre foi pouco para mim.
Vivo com sede.
De sentir demais e de embriagar do que sinto.
De ser o exagero, o escândalo.
Ser o caos e a aberração.**

**Tudo o que sonho, sempre foi pouco para mim.
Vivo com fome.
De ser mais e me inebriar dos cheiros dos corpos.
De ser o toque, o aperto, a mordida.
Ser o lábio e a língua.**

Sou tudo o que há em mim, mas ainda sobra.”

O lábio e a língua, Gabi Coêlho



**“Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...”**

Cântico negro, José Régio



**“Apagarei a acumulação do passado.
Farei da história pó, o pó em pó.
Estou mirando o último poente.”**

O suicida, Jorge Luis Borges



**“Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.”**

Fagulha, Ana Cristina César



**“Morreram e nasceram dois mil universos
inteiros dentro de mim.
Não sei o nome de nenhum deles.
Sigo azul.
Limpo do que me suja, sujo do que me limpa.
Não sei o nome das coisas.
Sigo sem cor, inventando um azul.
Morri e nasci inteira dentro deste universo.
Não sei meu nome.
Sigo”**

Electric blue, Gabi Coêlho



**“E eu que sou o rei de toda esta incoerência,
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la
E giro até partir... mas tudo me resvala
Em bruma e sonolência.”**

Queda, Mário de Sá-Carneiro



**“Agora temo que o espelho encerre
O verdadeiro rosto de minha alma,
Lastimada de sombras e de culpas.”**

O espelho, Jorge Luis Borges

